Quente & Frio

Solidez premiada há 10 edições

O solidez do banco é um dos pilares fundamentais para a sua gestão. E é já um clássico nos prémios concedidos pela *EXAME*, com o BIG a arrecadar o posto cimeiro da solidez há 10 anos consecutivos. Em 2016, o rácio de capital situou-se em 31,6%, muito acima dos seus pares, e a proeza já conta com 10 anos de distinção nesta categoria. Para o presidente do BIG, a rentabilidade até pode descer, embora o objetivo seja manter-se em dois dígitos, mas a solvabilidade do banco é prioritária

Trambolhão no produto, subida nos depósitos

O indicador que mede o equilíbrio entre custos e receitas e reflete a atividade financeira do BIG caiu a pique em 2016. Um facto que, segundo Carlos Rodrigues, se deveu ao facto de o banco ter vendido uma carteira de ativos muito significativa. A captação de recursos aumentou 18,47% em 2016, acima do que havia crescido em 2015. Já a concessão de crédito contraiu-se, tendo crescido 18,06%, quando em 2015 havia aumentado 176%

FOTO ALBERTO FRIAS

Carlos Rodrigues O presidente do BIG afirma que o banco continua a priveligiar ativos com muita liquidez

"Somos cada vez mais prudentes"

Aposta em ativos com muita liquidez e retorno mantém o BIG na liderança de banco mais sólido pela décima vez / Texto **Isabel Vicente**

O Banco de Investimento Global (BIG), fundado em 1998, não se desvia de uma das suas prioridades mais caras: o capital. "O sucesso do banco, em termos de solidez, deve-se ao facto de privilegiarmos o investimento em ativos com muita liquidez", afirma Carlos Rodrigues, fundador e acionista da instituição bancária, que apareceu no mercado com uma matriz mais digital do que os seus pares, naquela altura.

O presidente do BIG diz, à conversa com a *EXAME*, que o banco "não se desvia do seu ADN. O balanço continua muito desalavancado e mantemo-nos muito prudentes".

O rácio de capital (*core tier*1) continua a manter uma distância razoável face aos seus concorrentes diretos e muito significativa relativamente aos maiores bancos do sistema. Situou-se em 31,6% em 2016, e nos últimos nove meses do ano

A solidez de capital é, para o fundador do banco, um pilar fundamental, que não pode ser descuidado em favor de mais rentabilidade ou mais negócio

este indicador já estava, em termos consolidados, em 47,9%. Para o elevado nível de capital conta, sobretudo, a qualidade do crédito. Quer o custo do risco do crédito em resultados (0,00%), quer o crédito vencido há mais de 90 dias (0,03%), face ao crédito total.

A solidez de capital é, para o fundador do banco, um pilar fundamental, que não pode ser descuidado em favor de mais rentabilidade ou mais negócio. E dispara: "Um banco pode ter muito capital, mas se a qualidade dos seus ativos for má, o capital é rapidamente consumido." Foi o que aconteceu com outros bancos do sistema, recorda, e alguns ainda estão a pagar a fatura. É também por isso que o BIG "tem sempre presente a dicotomia entre o investimento, o risco e o preço".

Nos últimos cinco anos, o banco tem apresentado sempre rácios de capital acima de 30% mas, em termos de rentabilidade, em 2016 deixou de ter um lugar no pódio.

Na análise feita pela Informa DB e Deloitte, que compara 17 bancos de média e pequena dimensão a operar no sistema, o BIG fechou o ano de 2016 com uma rentabilidade dos capitais próprios (ROE) de 19,62% (27,7% em 2015), deixando cair a liderança para o BNP Paribas, que atingiu um ROE de 31,1%.

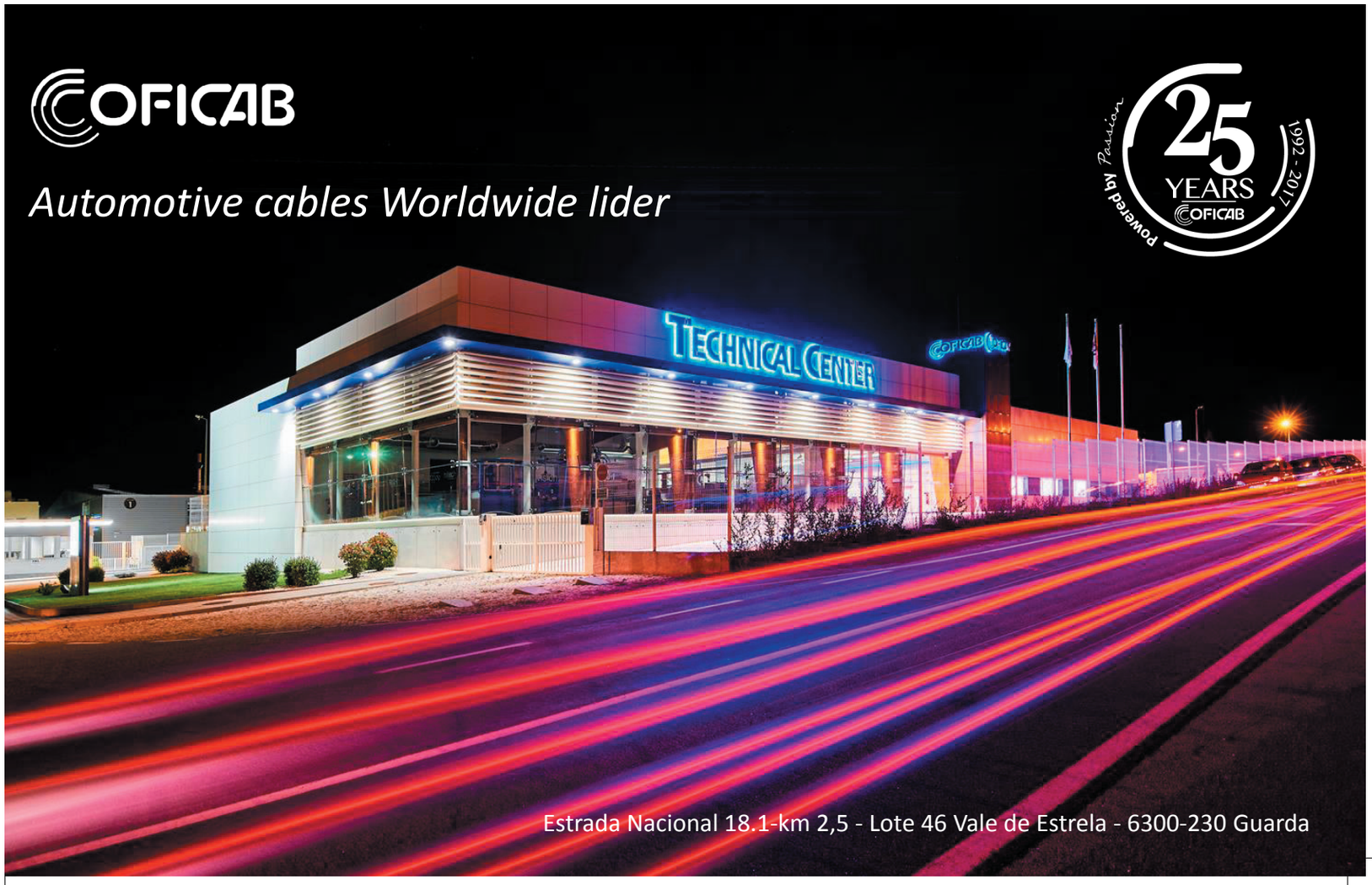
Segundo Carlos Rodrigues, a rentabilidade pode ser preterida se for para manter a solidez do banco. É isso que o banco faz quando é preciso: "Uma gestão muito cuidada do risco para manter a robustez do balanço." Mas isso não quer dizer que o BIG não queira uma rentabilidade acima da média. O banco, adianta Carlos Rodrigues, vai "continuar a manter retornos de capital (ROE) de duplo dígito", como, aliás, tem sido hábito.

Produto bancário cai a pique

O maior trambolhão verificou-se no produto bancário, que reduziu 49,1%. Em 2015, este indicador caiu 12,2%, quando em 2014 havia crescido 35,48%. O produto, que mede o equilíbrio entre custos e receitas e traduz a dimensão da atividade financeira, registou um dos piores comportamentos face aos restantes bancos avaliados pela revista *EXAME*.

Carlos Rodrigues justifica a queda abrupta. Até 2014, ano em que Portugal saiu do programa de assistência, o BIG conseguiu resultados através de operações financeiras, aproveitando as oportunidades do mercado. "Foram resultados excecionais. Este ano vamos voltar a ter um produto bancário mais normalizado." Aliás, isso é já visível nas contas do terceiro trimestre, que mostram o produto a atingir 70,2 mil milhões de euros, o que representa uma queda de 3,4% face a igual período de 2016. No que toca ao produto bancário, no ano passado, atrás do BIG só ficou o Banco Português de Gestão, cujo produto caiu 57,02%.

No que diz respeito aos custos em 2016, o BIG também piorou o rácio ➤



cost-to-income face a 2015. Ainda assim este situou-se em 36,75%, o que reflete um bom desempenho. Neste rácio, que mede os custos sobre os proveitos, à frente do BIG ficou apenas o Banco Finantia.

Recursos e crédito a crescer

A captação de recursos, em 2016, esteve mais dinâmica e cresceu 18,47% (em 2015 havia aumentado 10,03%), mas a concessão de crédito teve uma evolução contrária. No ano passado verificou-se uma contração significativa no crédito, a crescer apenas 16,08%, quando em 2015 havia crescido exponencialmente (176%).

Esta evolução, explica o presidente, deve-se ao facto de o banco ter vendido um agregado de crédito com muita expressão. E vendeu porquê? "Quando os ativos começam a apresentar retornos pouco razoáveis, vendemo-los. Foi o que aconteceu." E sublinha: "Este facto revela que somos cada vez mais prudentes e defensivos."

Os lucros que o BIG tem gerado também o têm distinguido dos seus concorrentes, mesmo em período de crise. Embora não tenha sido aquele que mais cresceu nos últimos três anos no *ranking* da *EXAME*, em 2016 foi o segundo banco, entre os médios e pequenos, que maiores resultados gerou (43,7 milhões de euros), tendo sido ultrapassado apenas pela Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, que teve ganhos de 58,3 milhões de euros. E seguido de perto, no período em análise, pelo BPN Paribas Personal Finance.

O objetivo prioritário do BIG não é ser maior. O *slogan "small is beatifull"* adequa-se que nem uma luva à instituição, que, apesar de tudo, tem crescido em várias frentes. Por exemplo, em 2010 verificou-se um grande *boom* do número de trabalhadores, que aumentou 63%, sobretudo nas áreas de vendas, produto e controlo interno. Em 2016 o crescimento foi de 9%, para 242 pessoas.

A intervenção do Banco Central Europeu, permitindo a manutenção de taxas de juro negativas ainda durante 2016 e o facto de o BIG considerar que os preços de alguns ativos "estão aventados" (inflacionados) e não saber bem como o mercado os vai corrigir, justifica uma estratégia para o futuro ainda "muito cautelosa". Cuidados que, como diz Carlos Rodrigues, o banco tem mantido durante o corrente ano, apesar de considerar que 2018 poderá trazer novos enquadramentos, tanto no que toca às baixas taxas de juro do mercado, como à correção dos preços de alguns ativos.

A venda do Novo Banco

Quanto à venda do antigo BES, Carlos Rodrigues desabafa: "Chegados a este ponto, até posso perceber que esta era a única solução. Mas a verdade é que, com o Fundo de Resolução a ser responsável já por 4,9 mil milhões de euros e sabendo que da venda resultou uma garantia adicional de mais 3,89 mil milhões, o acréscimo de custos de contexto cria condições de concorrência piores para os bancos a operar no mercado português face aos seus concorrentes europeus." Há um ano, o presidente do BIG afirmava, na edição anterior do estudo, que esperava que o processo de venda chegasse ao fim e que o Novo Banco fosse vendido pelo preço "mais alto possível".

Carlos Rodrigues, que acaba o mandato ainda este ano, mas que deverá manter-se na liderança do banco por mais algum tempo, afirma que a banca está a tornar-se uma atividade "hiper-regulada" e "numa atividade que, no futuro, irá atrair pouco capital". E

18,47%
foi o crescimento dos recursos em 2016, o qual superou o aumento registado em 2015 (10,08%). Já no que diz respeito ao crédito o crescimento foi de 16,08% quando em 2015 tinha sido de 176%

49,1%
foi a queda registada no produto bancário do BIG em 2016. Para isso contribuiu a venda de uma carteira de crédito muito significativa. Foi, a seguir ao BPG, o pequeno ou médio banco que mais caiu

0,03%
foi o peso do crédito vencido há mais de 90 dias face ao crédito total, o que revela uma melhoria face a 2015 e traduz a qualidade do crédito na carteira do BIG

"Um banco pode ter muito capital, mas se a qualidade dos seus ativos for má, o capital é rapidamente consumido", afirma Carlos Rodrigues, para quem a solidez de capital faz parte do ADN do banco que fundou em 1998